

RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

EVALUATION OF THE LEVEL OF KNOWLEDGE OF THE POPULATION OF BELÉM- PA ON SEXUALLY TRANSMITTED INFECTIONS (STIS)

*¹Vera Lucia Lima Ribeiro, ¹Gerusa Medeiros Batista, ²Brianna Jandira Sousa dos Santos, ²Luanny Paula Dias de Oliveira, ²Rafael Oliveira Teixeira, ²Karoline Soares Lima, ²Paula Andrade Silva, ³Diandra Araújo da Luz, ⁴Rita do Socorro Ribeiro Quaresma Oliveira and ⁵Priscila de Nazaré Quaresma Pinheiro

¹Acadêmica de Enfermagem na Universidade da Amazônia-UNAMA

²Acadêmico (a) de Farmácia na Universidade da Amazônia-UNAMA

³Farmacêutica. Mestrado em Ciências Farmacêuticas pela Universidade Federal do Pará, Brasil

⁴Enfermeira. Mestrado em Ensino em Saúde na Amazônia pela Universidade do Estado do Pará, Brasil

⁵Farmacêutica. Mestrado em Doenças Tropicais pelo Núcleo de Medicina Tropical-UFPA, Brasil

ARTICLE INFO

Article History:

Received 18th August, 2019

Received in revised form

11th September, 2019

Accepted 29th October, 2019

Published online 30th November, 2019

Key Words:

Saúde Pública; Conhecimento, Transmissão, Infecções Sexualmente Transmissíveis.

*Corresponding author:

Vera Lúcia Lima Ribeiro

ABSTRACT

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) são problemas de Saúde Pública, devido à sua magnitude e dificuldade de acesso ao tratamento adequado, Este trabalho tem o intuito de analisar o conhecimento dos indivíduos frequentadores das praças nas ruas de Belém do Pará sobre IST's. Trata-se de um estudo descritivo, quantitativo do tipo pesquisa de opinião, abordados em praças e ruas da cidade de Belém no período de janeiro a março de 2019. Através dos resultados obtidos pelo presente estudo, foi possível identificar que o conhecimento sobre IST na população de Belém é razoável, tendo em vista que a muitos sabem de sua existência, mas não sabe defini-la, o que representa um fator de risco para disseminação das doenças.

Copyright © 2019, Vera Lúcia Lima Ribeiro et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Vera Lúcia Lima Ribeiro, Gerusa Medeiros Batista, Brianna Jandira Sousa dos Santos et al. 2019. "Evaluation of the level of knowledge of the population of belém- pa on sexually transmitted infections (stis)", *International Journal of Development Research*, 09, (11), 31543-31547.

INTRODUCTION

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's), são identificadas como um problema grave de Saúde Pública, devido à dificuldade de acesso ao tratamento adequado (CASTRO et al. 2016; NEWMAN et al., 2015). Existem cerca de 340 milhões de casos por ano no mundo, colocando-as entre os principais problemas de saúde pública e, apenas quatro são curáveis: clamídia, gonorréia, tricomoníase e sífilis (BRASIL, 2015). O início sexual precoce torna as pessoas mais suscetíveis as IST's, tanto pela busca de novas experiências que podem levar a práticas sexuais de maior risco, como pela maior dificuldade de negociação do uso de preservativo. Sendo assim pessoas que vivem com companheiro, em geral, não têm auto percepção de

vulnerabilidade para IST's e, por consequência, podem deixar de se proteger adequadamente (PINTO et al, 2018). O número de parceiros, sexo desprotegido, gênero, escolaridade, uso de álcool e drogas ilícitas e tabagismo tem sido evidenciado na literatura como comportamentos de risco para a ocorrência das IST's. Apesar de o uso de álcool/drogas e o tabagismo não serem considerados causas diretas, acredita-se que esses fatores possam representar um padrão de comportamento do adolescente, tendo em vista a associação existente entre eles e as IST's. Do ponto de vista social, fatores como baixo nível socioeconômico, sexo e violência intrafamiliar podem contribuir para a ocorrência de IST's (NEVES et al., 2017). As transmissões verticais também são muito recorrentes e necessitam de intervenções e educação em saúde para quebrar a cadeia de transmissão em crianças, assim como a introdução

dos cuidados dos profissionais de saúde, bem como ressaltar a importância do uso de antirretroviral. Ademais, para melhores resultados são necessárias grandes mudanças nas políticas de saúde pública (RODRIGUES, OLIVEIRA, 2013). Sabendo que a população apresenta variações demográficas e socioculturais, e não têm a compreensão da vulnerabilidade para IST's, é imprescindível a investigação das condições gerais de saúde, comportamentos, sexualidade e percepções em relação às IST's e a anticoncepção, além de observar o comportamento identificando ansiedades e medos durante os encontros e/ou consultas, que possam ter ligação com problemas enfrentados ou com a procura pelo serviço (CRUZEIRO *et al.*, 2010). No Brasil, a verdadeira situação epidemiológica dessas doenças e de suas complicações não são bem conhecidas, devido ao fato que algumas das IST's não serem de notificação compulsória (clamídia, herpes e papiloma vírus humano HPV), além da escassez de estudos sentinelas e de base populacional (PINTO *et al.*, 2018). Segundo o ministério da saúde um quarto da população brasileira iniciou a atividade sexual antes dos 15 anos, e outros 35%, entre 15-19 anos. Além disso, quase 30% da população de 15 a 49 anos relataram ter múltiplos parceiros no ano anterior à pesquisa (mais de um parceiro sexual), sendo 47% entre os homens e 18% entre as mulheres (CRUZEIRO *et al.*, 2010). A percepção de fatores de riscos é importante para implementação de estratégias de educação sexual voltada a adesão de preservativos e mudança de comportamento que gera riscos para infecções de IST's⁸. O acesso à informação correta pode quebrar a cadeia de transmissão prevenindo novos casos⁹. Sendo assim, este estudo tem o intuito de conhecer o nível de informação acerca das IST's entre pessoas de 18 a 64 anos, residente no município de Belém, identificando o conhecimento da população sobre vários aspectos das doenças em questão.

MATERIALS AND MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo, quantitativo (do tipo pesquisa de opinião), onde foi realizada a aplicação de um questionário, sobre o conhecimento da população a respeito das IST's em praças e ruas de Belém/PA, incluindo de forma aleatória os participantes que aceitaram ser entrevistados, na faixa etária de 18 a 64 anos. O período da coleta foi de fevereiro a março de 2019. A organização dos dados foi feita utilizando o programa Microsoft Excel[®] versão 2013, para compilar os dados em planilhas para melhor visualização e realização dos cálculos percentuais. Trata-se de estudo de pesquisa de opinião logo, segundo a resolução 466 de 2012, não há necessidade de submissão a Comitê de Ética em Pesquisar (CEP), haja visto que em nenhum momento foi questionado o nome ou quaisquer dados pessoais do participante. Esta pesquisa apresenta riscos mínimos, uma vez que a mesma não utilizou dados pessoais por ser uma pesquisa de opinião, em contrapartida os benefícios serão importantes, pois a mesma permitirá que os profissionais de saúde atuem como vigilantes na promoção, prevenção e educação dos indivíduos, além de gerar dados para serem utilizados por gestores para direcionar suas campanhas de prevenção e promoção da saúde.

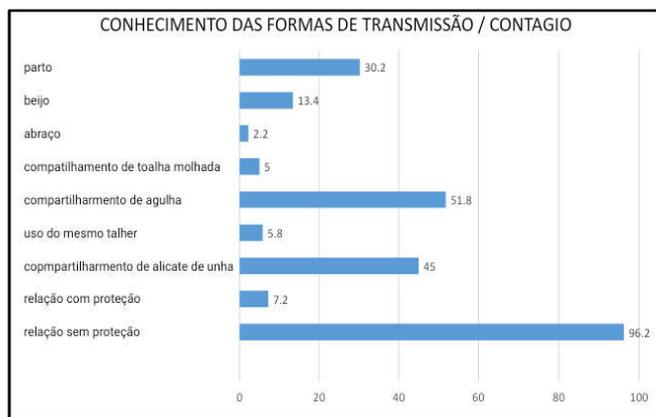
RESULTADOS

Dentre os 500 entrevistados, cerca de 20,4% (n=102) responderam que concluíram o ensino fundamental, 52,8% (n=264) concluíram o ensino médio e 26,8% (n=134)

concluíram o ensino superior. O estado civil mais frequente foi solteiro com 37,2% (n=186), os que estão namorando constituíram um total de 27,2% (n=136). Dos participantes que afirmaram ser casados 32, 2% (161) e 3,4% (17) estão divorciados. A cerca dos entrevistados com escolaridade do ensino fundamental, 71,56% (n=73) relataram que sabiam que existiam testes para IST's e 28,43% (n=29) afirmaram que desconheciam a existência dos testes. Tratando-se dos entrevistados com ensino médio, 95,45% (n=252) relataram que sabiam que existem testes para IST's e 4,54% (n=12) afirmaram que não. Dos entrevistados com o ensino superior, 91,04% (n=122) relataram que sabiam que existiam testes para IST's e 8,95% (n=12) afirmaram que não sabiam a respeito dos testes. No questionário os entrevistados foram perguntados se já fizeram testes para IST's, onde indivíduos do nível fundamental 50% (n=51) afirmaram que sim e 50% (n=51) afirmaram que não. Dos indivíduos que afirmaram ter o nível médio 64,39% (170) afirmaram que sim e 35,60% (n=94) disseram que não. Entre os indivíduos que afirmaram possuir o nível superior 76,86% (n=103) afirmaram que sim e 23,13% (n=31) disseram que não. Quando perguntados se sabiam o que eram IST's, 52,94% (n=54) dos entrevistados com nível fundamental afirmaram que sim e 47,05% (n=48) disseram que não. Dentre os de nível médio, 57,19% (n=151) relataram que sim e 42,80% (n=113) que não. Quanto aos de nível superior, 74,62% (n=100) afirmaram que sim e 25,37% (n=34) relataram que não.

Quando questionados sobre a frequência de relações sexuais, 16,6% (n=83) alegaram realizar a pratica todos os dias, 30,4% (n=152) realizam 1 vez por semana, 9,2% (n=46) realizam uma vez ao mês, 30,4% (152) esporadicamente, 7,4% (37) praticam com intervalo superior a um mês e 6% (30) alegaram não manter relações. Quanto aos parceiros sexuais, das 270 mulheres entrevistadas, 8,51% (23) alegam ter 0 parceiros, 67,77% (n=183) alegam ter 1 parceiro, 12,96% (n=35) alegam ter 2, 6,66% (n=18) alegam ter 1,85% (n=5) alegam ter 4 parceiros, 0,74% (n=2) alegam ter 5 e 1,48% (n=4) alegam ter 6 parceiros sexuais. Tratando-se dos homens em relação a parceiros sexuais, dos 230 homens entrevistados, 8,68% (n=20) alegam não possui parceiros, 56,52% (n=130) alegam ter 1 parceiro, 12,17% (n=28) alegam ter 2, 6,95% (n=16) alegam ter 3 parceiros, 5,65% (n=13) alegam ter 4 parceiros, 0,86% (n=2) alegam ter 5 e 9,13% (n=21) alegam ter 6 parceiras sexuais. Tratando-se dos homens em relação a parceiros sexuais, dos 230 homens entrevistados, 8,68% (n=20) alegam não possui parceiros, 56,52% (n=130) alegam ter 1 parceiro, 12,17% (n=28) alegam ter 2, 6,95% (n=16) alegam ter 3 parceiros, 5,65% (n=13) alegam ter 4 parceiros, 0,86% (n=2) alegam ter 5 e 9,13% (n=21) alegam ter 6 parceiras sexuais.

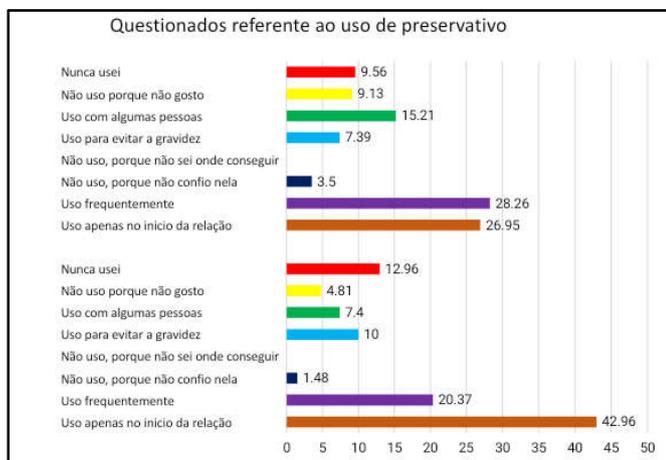
Das pessoas que possuem o nível fundamental, dentre elas 0,98% afirma ser soro positivo; 81,37% (n=83) afirmam que são soronegativos e 17,64% (n=18) relataram que não sabem. 264 possuem ensino médio, 1,13% (n=3) afirmam que são soropositivos; 76,51% (n=202) afirmam que são soronegativos e 22,34% (n=59) afirmam que não sabem. Além disso, 134 possuem nível superior, onde 0,74% afirma que é soropositivo; 90,29% (n=121) afirmam que são soronegativos e 8,95% (n=12) afirmam que não sabem. Logo nota-se que a maior parte dos entrevistados possuem nível médio de escolaridade e afirmam ser soronegativos. Em relação ao (Gráfico 1), foram destacadas as respostas dos participantes da pesquisa, acerca da forma de transmissão e contágio das IST's citadas.



Fonte: Autoria própria, coleta de dados, Belém-Pa, 2019.

Gráfico 1. Nível de conhecimento das 500 pessoas que participaram do estudo, acerca da forma de transmissão e contágio das doenças citadas em Belém, 2019

Verificou-se a relação das formas de contágio, onde 96,2% (n=481) das pessoas marcaram a opção relação sem proteção, 51,8% (n= 259) compartilhamento de agulha, 45% (n=225) compartilhamento de alicate de unha, 30,2% (n= 151) através do parto, 13,4% (n=67) por meio do beijo, 7,2% (n=36) por meio da relação com proteção, 5,8% (n=29) pelo uso do mesmo talher, 5% (n=25) por compartilhamento de toalha molhada e 11 (2,2% (n=11) marcaram que a transmissão também se dá através do abraço. A respeito do uso do preservativo, o (Gráfico 2) demonstram que das 270 mulheres e 230 homens, 82,59% (n=223) e 77,39% (n=178) usam camisinha, 17,40% (n=47) e 22,60% (n=52) não usam.

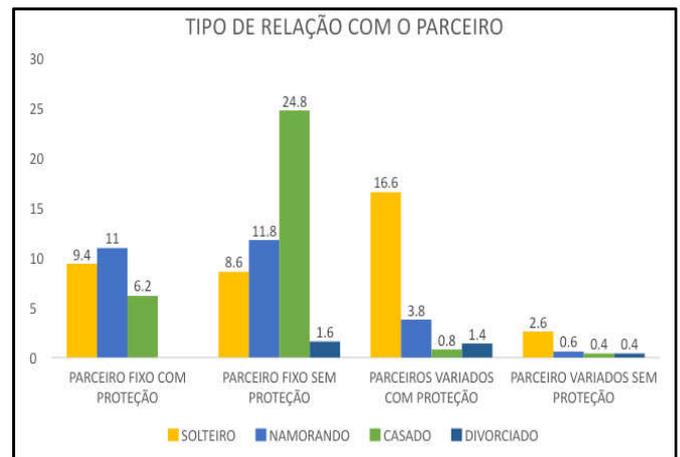


Fonte: Autoria própria, coleta de dados, Belém-Pa, 2019

Gráfico 2. “Referente ao uso de preservativo”

Questionados sobre o motivo (47) 12,96% (n=35) mulheres e homens 9,56% (n=22) alegaram nunca ter usado, 4,81% (n=13) e 9,13% (n=21) não usam porque não gostam, 7,40% (n=20) e 15,21% (n=35) usam com algumas pessoas, 10% (n=27) e 7,39% (n=17) usam para evitar a gravidez, 1,48% (n=4) e 3,47% (n=8) não usam por não confiar, 20,37% (n=55) e 28,26% (n=65) usam frequentemente e 42,96 (n=116) e 26,95% (n=62) usam apenas no início da relação. Em relação aos modos de prevenção, a maior parte dos indivíduos citaram o uso do preservativo como principal método de prevenção às infecções sexuais¹⁰. Quando abordados os entrevistados relatam que 57,77% (n=156) das mulheres e 69,56% (n=160) dos homens usam camisinha, 12,59% (n=34) das mulheres fazem o uso de anticoncepcional, 2,22% (n=6) das mulheres e 0,86% (n=2) dos homens realizam a prática do coito

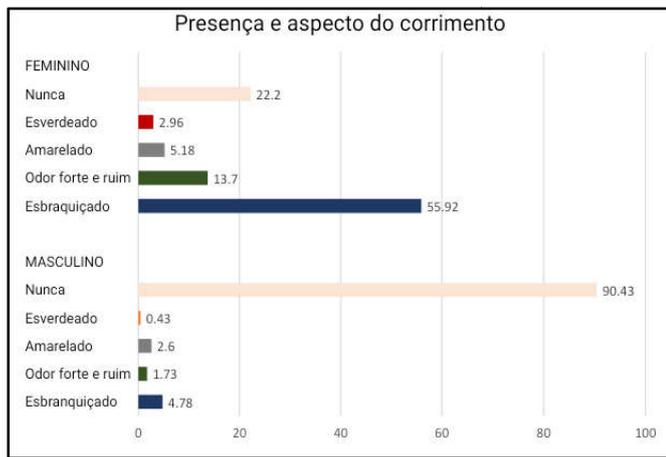
interrompido (tendo em vista que os últimos dois não são formas de proteção para IST's), 1,85% (n=5) das mulheres usam outros métodos e 25,55% (n=69) das mulheres e 29,56% (n=68) dos homens não usam nenhum método de proteção. Quanto ao tipo de relacionamento, o (Gráfico 3) indica que 9,4% (n=47) das pessoas solteiras responderam ter parceiro fixo com proteção; 8,6% (n=43) responderam parceiro fixo sem proteção, 16,6% (n=83) parceiros variados com proteção e 2,6% (n=13) parceiros variados sem proteção. Já os que alegaram estar namorando, 11% (n=55) responderam ter relação com parceiro fixo com proteção e 11,8% (n=59) sem proteção; 3,8% (n=19) parceiros variados com proteção e 0,6% (n=3) sem proteção.



Fonte: Autoria própria, coleta de dados, Belém-Pa, 2019

Gráfico 3. “Tipo de relação com o parceiro”

Das pessoas casadas 6,2% (n=31) responderam manter relações com parceiro fixo com proteção e 24,8% (n=124) sem proteção, 0,8% (n=4) e 0,4% (n=2) com parceiros variados com e sem proteção, respectivamente. Entre os divorciados 1,6% (n=8) alegaram manter relações com parceiros fixos, mas sem proteção e 1,4% (n=7) e 0,4% (n=2) mantêm relações com parceiros variados com e sem proteção, respectivamente. Segundo os dados compilados, verificou-se que 270 mulheres entrevistadas 22,2% (n=60) nunca apresentaram corrimento, 68,51% (n=185) já apresentaram poucas vezes e 9,25% (n=25) apresentam frequentemente. Nos 230 homens entrevistados cerca de 90,43% (n=208) nunca apresentaram, e apenas 9,13% (n=21) já apresentaram poucas vezes e 9,25% (n= 1) apresentam frequentemente. O (Gráfico 4) mostra o aspecto do corrimento, onde 2,96% (n=8) das mulheres afirmaram já ter apresentado corrimento com aspecto esverdeado, tópico que não foi relatado por homens. Porém, ao se tratar do aspecto amarelado, 2,60% homens e 5,18% (n=14) mulheres afirmaram já ter apresentado, o esbranquiçado por sua vez, é mais comum em mulheres 55,92% (n=151) e homens 4,78% (n=11). Quanto ao odor forte e ruim, este foi relatado por 1,73% (n=4) dos homens e por 13,70% (n=37) mulheres. Com isso, pode-se perceber que o corrimento de aspecto esbranquiçado é mais recorrente em mulheres, uma vez que 55,92% apresentaram este sintoma, em contrapartida, o sexo masculino também relatou, porém, o número é significativamente baixo em relação ao sexo oposto, sendo um total de 90,43%. E o corrimento esverdeado é menos recorrente, contudo, seu surgimento é mais comum em mulheres, devido ser relatado por 2,9% das mulheres e 0,43% entre homens. Com relação ao odor, nota-se que é mais presente em mulheres com 13,7%.



Fonte: Autoria própria, coleta de dados, Belém-Pa, 2019

Gráfico 4. “Presença e aspecto do corrimento”

Quando solicitado às pessoas com nível fundamental para definirem os causadores das IST's como vírus; bactéria; fungo ou protozoário, 93,13% (n=95) responderam que o HIV é um vírus, 4,9% (n=5) uma bactéria e 1,96% (n=2) um protozoário. Já o HPV, 71,56% (n=73) responderam que é um vírus 23,52% (n=24) uma bactéria e 4,9% (n=5) um fungo. A respeito da gonorreia 15,68% (n=16) responderam ser um vírus, 60,78% (n=62) uma bactéria, 15,68% (n=16) um fungo e 7,84% (n=8) um protozoário. Em relação a hepatite 65,58% (n=67) responderam ser um vírus, 28,43% (n=29) uma bactéria e 5,88% (n=6) um fungo. A sífilis foi definida por 38,23% (n=39) como vírus, 42 (41,17% (n=42) uma bactéria, 11,76% (n=12) um fungo e 8,82% (n=9) como protozoário. A tricomoníase por sua vez, foi definida por 21,56% (n=22) como vírus, por 44,11% (n=45) como bactéria, por 50,58% (n=21) como fungo e por 13,72% (n=14) como protozoário. A clamídia e herpes foram definidas por 14,7% (n=15) e 74,5% (n=76) pessoas como vírus, 39,21 (n=40) e 11,76% (n=12) como bactéria, 36,27% (n=37) e 7,84% (n=8) como fungo e 9,8% (n=10) e 5,88% (n=6) como protozoário respectivamente. As pessoas com nível médio quando solicitadas para classificarem os causadores das IST's como vírus; bactéria; fungo ou protozoário, 93,18% (n=246) responderam que o HIV é um vírus, 3,03% (n=8) uma bactéria, 1,51% (n=4) um fungo e 2,28% (n=6) um protozoário. Já HPV 84,09% (n=222) responderam que é um vírus, 12,87% (n=34) uma bactéria, 2,65% (n=7) um fungo e 0,37% (n=1) protozoário.

A respeito da gonorreia 25,75% (n=68) responderam ser um vírus, 59,84% (n=158) uma bactéria, 9,09% (n=24) um fungo e 5,3% (n=14) um protozoário. Em relação a hepatite 66,6% (n=176) responderam ser um vírus, 21,59% (n=57) uma bactéria, 5,68% (n=15) um fungo e 6,06% (n=16) um protozoário. A sífilis foi definida por 48,48% (n=128) como vírus, 37,5% (n=99) uma bactéria, 10,22% (n=27) um fungo e 3,78% (n=10) como protozoário. A tricomoníase por sua vez, foi definida por 66 pessoas (25%) como vírus, por 111 (42,04%) como bactéria, por 33 (12,5%) como fungo e por 54 (20,45%) como protozoário. A clamídia e herpes foram definidas por 65 (24,62%) e 194 (73,48%) pessoas como vírus, 94 (35,6%) e 41 (15,53%) como bactéria, 77 (29,16%) e 24 (9,09%) como fungo e 28 (10,6%) e 5 (1,89%) como protozoário, respectivamente. Já às pessoas com nível superior, quando solicitadas para definirem os agentes etiológicos das IST's como vírus; bactéria; fungo ou protozoário, 97,01% (n=130) responderam que o HIV é um vírus, 1,49% (n=2) uma

bactéria e 1,49% (n=2) um fungo. Já HPV 94,77% (n=127) responderam que é um vírus, 4,47% (n=6) uma bactéria e 0,74% (n=1) um protozoário. A respeito da gonorreia 16,41% (n=22) responderam ser um vírus, 75,37% (n=101) uma bactéria, 5,22% (n=7) um fungo e 2,98% (n=4) um protozoário. Em relação a hepatite 76,31% (n=102) responderam ser um vírus, 23,13% (n=31) uma bactéria e 0,74% (n=1) um protozoário. Enquanto Sífilis foi por 50% (n=67) como vírus, 44,77% (n=60) uma bactéria, 3,73% (n=5) um fungo e 1,49% (n=2) como protozoário. A tricomoníase por sua vez, foi definida por cerca de 9,7% (n=13) como vírus, por 28,35% (n=38) como bactéria, por 18,65% (n=25) como fungo e por 43,28% (n=58) como protozoário. A clamídia e herpes foram definidas por 10,7% (n=14) e 92,53% (n=124) pessoas como vírus, 50% (n=67) e 7,46% (n=10) como bactéria, respectivamente e somente clamídia definida por 32,83% (n=44) como fungo e 6,71% (n=9) como protozoário

DISCUSSÃO

Estudos apontam que grande parte das pessoas alegam que a transmissão de uma IST's ocorre de uma pessoa para outra, e por meio do contato sexual e o uso de preservativo é a melhor maneira de prevenir (BRITO *et al.*, 2016; COSTA *et al.*, 2017). No entanto há estudos que citam o uso de toalhas como possível transmissor de IST's¹², convergindo com os resultados deste estudo. Além disso, foi possível notar a redução da preocupação das mulheres em adquirir algum tipo de IST e grande parte das participantes de terem deixado de usar o preservativo (FERREIRA *et al.*, 2010). Frequentemente, o comportamento feminino ainda se encontra vinculado à subalternidade na relação da mulher com o homem, uma vez que confia no parceiro, aceita as imposições dele e ainda compartilha da não vontade em usar o preservativo (ANDRADE, 2018).

Em estudo recente, foi evidenciado que as mulheres acrescentam, que a “confiança no parceiro” é a maior fonte de resistência à prevenção, levando, a maioria das vezes, a constatar que o parceiro não oferece nenhum risco, uma vez que tem a certeza da solidez do relacionamento (MENDES *et al.*, 2010). Em relação aos modos de prevenção, a maior parte dos indivíduos citaram o uso do preservativo como principal método de prevenção às infecções sexuais (BUNGAY *et al.*, 2014). O uso de preservativo na concepção entre homens e mulheres quando questionados sobre a utilização deste na última relação, um número significativo afirma a utilização como um principal método contraceptivo (SALES *et al.*, 2016). Em outros estudos os fatores relacionados ao parceiro mostraram maior porcentagem com relação a “confiabilidade”, que foi referida as mulheres de acordo com o relacionamento, reforçando que o preservativo é visto como símbolo de infidelidade ou desconfiança, para ser utilizado apenas em relacionamentos com parceiros “não conhecidos”, ou ainda como obstáculo ao prazer sexual pleno (MENDES *et al.*, 2010; ANDRADE, 2018). Por fim, em relação ao conhecimento dos entrevistados sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis, verificou-se que o HIV/Aids foi a infecção mais descrita, e tricomoníase, a que houve mais divergências nas respostas, corroborando com achados de outra pesquisa¹⁹. Assim como em outro, realizada com universitários, onde foi possível notar que as doenças mais conhecidas foi o HIV (SALES *et al.*, 2016).

Conclusão

Através dos resultados obtidos pelo presente estudo, foi possível identificar que o conhecimento sobre IST's, na população de Belém é regular, tendo em vista que muitos sabem de sua existência, mas não sabe defini-la, o que representa um fator de risco para disseminação das doenças. Também, foi identificado que a maioria dos participantes não usam preservativos com parceiros fixos e não conhecem a fundo as formas de transmissão, restringindo-se a pensar que a transmissão se dá apenas pelo sexo ou por meios como o uso em comum de toalhas molhadas. Fatos que aumentam o risco de adquirir infecções e as demais doenças sexualmente transmissíveis. Diante do exposto faz-se necessário a atuação do profissional da saúde no que se refere a prevenção, uma vez que ele atua no desenvolvimento da educação, promoção e prevenção da saúde, além de ser o meio facilitador da comunicação entre as unidades de saúde e a comunidade, visando promover qualidade de vida de maneira geral.

REFERÊNCIAS

- Andrade Santos, *et al.* Conhecimentos, atitudes e prática de homens sobre infecções sexualmente transmissíveis. *Cogitare Enfermagem*, v. 23, n. 1, 2018. Disponível em: <http://www.saude.ufpr.br/portal/revistacogitare/wp-content/uploads/sites/28/2018/02/54101-222679-1-PB.pdf>.
- Brasil, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Diagnóstico laboratorial de doenças sexualmente transmissíveis, incluindo o vírus da imunodeficiência humana. Organização Mundial da Saúde, 2015.
- Brito, N. M. I. *et al.* Idosos, infecções sexualmente transmissíveis e AIDS: conhecimentos e percepção de risco. *ABCS Health Sciences*, v. 41, n. 3, 2016. Disponível em: <https://www.portalnepas.org.br/abcshs/article/view/902>.
- Bungay, V.; M., C. L; G., M. Examinando o escopo da prática de enfermagem em saúde pública na prevenção e tratamento de infecções sexualmente transmissíveis: o que os enfermeiros fazem. *Jornal de enfermagem clínica*, v. 23, n. 21-22, p. 3274-3285, 2014.
- Castro E.L.D, *et al.* O conhecimento e o ensino sobre doenças sexualmente transmissíveis entre universitários. *Ciência & Saúde Coletiva* [periódico online]. 2016; 21, 1975-1984. Disponível em: https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S141381232016000601975&script=sci_arttext&tlng=en.
- Costa, T.S *et al.* Escola, sexualidade, práticas sexuais e vulnerabilidades para as infecções sexualmente transmissíveis (IST). *Revista Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão*, v. 4, n. 1, 2017. Disponível em: <http://www.revistaeletronica.unicruz.edu.br/index.php/elettronica/article/view/4387>
- Cruzeiro A.L.S, *et al.* Comportamento sexual de risco: fatores associados ao número de parceiros sexuais e ao uso de preservativo em adolescentes. *Ciência & Saúde Coletiva* [periódico online]. 2010. v. 15, p. 1149-1158. Disponível em: https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S141381232010000700023&script=sci_arttext&tlng=en.
- Ferreira L.Q, *et al.* Hepatite B: conhecimento e atitudes de acadêmicos de Odontologia. *Archives of health investigation*, v. 7, n. 7, 2018. Disponível: <http://www.archhealthinvestigation.com.br/ArcHI/article/view/3041>.
- Matos, M.M.M; *et al.* Perfis sociocomportamentais dos usuários do Centro de Testagem e Aconselhamento-CTA em DST/aids do Hospital Universitário Getúlio Vargas da cidade de Manaus-AM. *Aids*, v. 4, p. 6, 2010. Disponível em: http://hugv.ufam.edu.br/downloads/revistas/REVISTA%202011/revista_hugv%202011_1_final.pdf#page=25.
- Neves R.G, *et al.* Simultaneidade de comportamentos de risco para infecções sexualmente transmissíveis em adolescentes brasileiros 2012. *Epidemiologia e Serviços de Saúde* [periódico online]. 2017. v. 26, p. 443-454, 2017. Disponível em: https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S223796222017000300443&script=sci_arttext&tlng=es.
- Newman L.R.J *et al.* Global estimates of the prevalence and incidence of four curablesexuallytransmittedinfections in 2012 basedonsystematicreviewand global reporting. *PLoS ONE*. [Periódico online]. 2015; 10(12):e0143304. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0143304>
- Padilha, A. P. *et al.* O conhecimento de adolescentes sobre doenças sexualmente transmissíveis. *Revista Eletrônica Gestão e saúde*, n. 3, p. 2249-2260, 2015.
- Pinto, V. M. *et al.* Fatores associados às infecções sexualmente transmissíveis: inquérito populacional no município de São Paulo, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 23, p. 2423-2432, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2018.v23n7/2423-2432/pt/>.
- Rodrigues T.C.S, Vaz MJ, Oliveira BSM. Transmissão vertical do HIV em população atendida no serviço de referência, *Acta Paulista de Enfermagem* [periódico online]. 2013. vol.26, n.2. Disponível em: <https://www.redalyc.org/html/3070/307026938009/>.
- Sales, W.B, *et al.* Comportamento sexual de risco e conhecimento sobre IST/SIDA em universitários da saúde. *Revista de Enfermagem Referência*, n. 10, p. 19-27, 2016. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-02832016000300003.
